

IDENTIDADE E CONFLITO EM OPERAÇÃO SHYLOCK, DE PHILIP ROTH

Autor: Isadora Goldberg Sinay (USP)

Orientador: Nancy Rozenchan (USP)

Resumo:

Philip Roth é um escritor judeu-americano, neto de imigrantes, cuja literatura é bastante marcada pela sua experiência dupla: o mundo da escola de hebraico e das tradições dos avós, por um lado, e a educação pública e cultura popular americana de outro. Sendo assim, sua obra nasce de uma sensação de identidade dupla: o autor define-se a si mesmo como um judeu americano, um ser hifenizado cuja existência se localiza no potencial conflito entre suas identidades.

Desde o início de sua carreira, Roth explorou as diversas possibilidades de existência judaica e os conflitos entre elas. A assimilação e o conflito de lealdade possivelmente proposto pelo encontro das identidades judaica e nacional formam o tema central desses contos. Ao longo de sua carreira, as diversas facetas desses assuntos foram tratadas por ele, assim como sua evolução ao longo do tempo.

Para tratar desses rompimentos, conflitos e paradoxos da existência judaica, o autor utiliza em diversos de seus romances uma forma labiríntica, em que as identidades de autor e personagem se sobrepõem, borrando as fronteiras entre ficção e realidade. Com esse recurso, Roth alarga seus romances, tornando seus próprios dados biográficos e sua pessoa pública uma espécie de texto.

Em *Operação Shylock*, Roth leva esse recurso ao extremo e utiliza uma premissa absurda e quase surreal para levar o olhar que sempre jogou sobre o judaísmo americano para um conflito novo: aquele entre o judaísmo israelense e o da Diáspora.

Esse artigo se propõe a fazer uma breve análise do romance, mapeando os diversos conflitos e possibilidades que ele apresenta e a maneira pela qual Philip Roth, através de sua abordagem fluída e pós-moderna da identidade, representa conflitos da vida judaica contemporânea.

Palavras-Chaves: Literatura Judaica; Literatura Americana; Identidade; Philip Roth

Philip Roth nasceu em 1942, em Newark, Nova Jersey. Na época, a cidade possuía uma ampla população imigrante, formada sobretudo por judeus, italianos e irlandeses. Filho de americanos, mas neto de poloneses, o escritor foi profundamente marcado por essa experiência dupla: de um lado, o mundo americano da escola pública, do baseball e da cultura pop; de outro, as aulas de hebraico, a comida kosher e as velas de sexta feira (PIERPORNT, 2015).

Essa identidade híbrida, ou hifenizada, é um dos principais motores de sua literatura. Timothy Parrish nota que é impossível falar de Roth como americano sem levá-lo em conta também como judeu (PARRISH, 2007, p. 127). Ou seja: sua experiência enquanto americano é vivida através de seu lugar de judeu e vice-versa: seu judaísmo passa inevitavelmente por um contexto americano. É do lugar desse judeu-americano, simultaneamente dentro e fora, que trata sua obra.

Esse paradoxo, assim como outros conflitos da vida judaica resultantes dessa situação, compõe seu tema principal desde os primeiros trabalhos, como os contos reunidos em *Adeus, Columbus*. Nessa coletânea, composta por cinco contos e uma novela, personagens judeus se veem as voltas com escolhas e dilemas causados por sua situação dupla: ao mesmo tempo judeus e soldados; judeus e ricos; judeus e americanos. A sobreposição de identidades orienta essas narrativas e boa parte da obra de Philip Roth que viria a seguir.

Em um ensaio chamado *Escrevendo Sobre Judeus*, Roth declara que são os desencontros e as complexidades da vida judaica que o interessam. Ele rejeita uma literatura que busque apenas representar os judeus exclusivamente em uma luz favorável, ou que, em seus termos, faça “relações públicas para os judeus” (ROTH, 2013, p. 156). Ele não está interessado em personagens livres de conflito, ou planejados, o que ele almeja é uma investigação profunda dos judeus contemporâneos.

Esse projeto inclui, previsivelmente, uma investigação dele próprio enquanto judeu contemporâneo. Durante toda sua carreira, Roth utilizou alteregos, sendo Nathan Zuckerman o mais famoso deles.

Zuckerman é o protagonista de três romances e uma novela: *O Escritor Fantasma*, *Zuckerman Libertado*, *A Lição de Anatomia* e *A Orgia de Praga*. Além disso, aparece como narrador, e porta-voz do escritor, em diversos outros livros. Sua biografia se aproxima muito da de Philip Roth, tendo ambos nascido no mesmo ano e na mesma cidade, e inclui até mesmo uma polêmica por conta de um livro sexualmente explícito

escrito nos anos 60. Carnovsky é a versão ficcional de *O Complexo de Portnoy*, livro que ao mesmo tempo lançou Roth para a fama e o firmou como um escritor controverso. Carnovsky traz para seu autor o mesmo problema que enfrentou seu criador: Zuckerman e Roth foram ambos confundidos com seus personagens sexualmente implacáveis, por mais que tenham negado o contrário. Dessa forma, temos aqui um alterego, Nathan Zuckerman, que nega que um outro personagem, Carnovksy/Portnoy, seja um alterego de seu autor. (ROTH, 2011)

Esse tipo de espelhamento entre realidade e ficção, incluindo uma incorporação da crítica na obra de ficção, é um recurso constante do escritor. Ao longo de sua carreira, polêmica e controversa tanto para público quanto crítica, Roth debateu dentro dos textos com as reações e acusações que levantou. Assim, sua obra se expande para além do livro e cria uma continuidade entre sua pessoa física, sua ficção e a reação a essa ficção.

Em *Operação Shylock* esse recurso é levado ao extremo: o livro traz o subtítulo de “uma confissão” e seu protagonista é um escritor chamado Philip Roth. No entanto, a narrativa é construída de tal forma que mesmo dados que serviriam para corroborar a autobiografia acabam por contradizê-la.

Por exemplo: no início do livro, Roth conta que, durante os últimos meses, passou por um colapso mental completo causado por um medicamento para dormir. Durante esse tempo, ele sofreu de depressão profunda, delírios e uma sensação constante de esfacelamento do eu. Nas palavras do escritor: “minha mente começou a se desintegrar. A palavra DESINTEGRAÇÃO parecia ser ela mesma a matéria da qual meu cérebro era constituído, e ele estava, espontaneamente, começando a se desfazer¹” (ROTH, 2000, p. 20).

Isso significa que, em última instância, toda a narrativa que irá se seguir pode não passar de um episódio alucinatório. No entanto, mesmo que não se vá tão longe, é importante não perder de vista que, no mínimo, o leitor está sendo guiado por um narrador com uma percepção pouco confiável tanto da realidade externa, quanto de si mesmo.

Esse dado se torna fundamental algumas páginas depois, quando Philip Roth descobre que possui um duplo. O escritor está se preparando para uma viagem a Israel, onde conduzirá uma série de entrevistas com Aharon Appelfeld, quando recebe ligações,

¹ A tradução brasileira de *Operação Shylock* está esgotada e não possível encontra-la para consulta. Por isso, as traduções oferecidas são da autora.

de um primo e do próprio Appelfeld, relatando que um outro Philip Roth tem andando pelo país dando entrevistas e palestras. (ibid. p. 19)

O duplo de Philip Roth tem aparecido publicamente para divulgar sua ideia revolucionária: o Diasporismo. Em suas palavras:

A assim chamada normalização do judeu foi uma ilusão trágica desde o início. Porém, quando se espera que essa normalização floresça no coração do Islã essa ilusão é mais que trágica: ela é suicida. Por mais horrendo que Hitler tenha sido, ele durou meros dozes anos, e o que são doze anos para um judeu? É chegada a hora de retornarmos para a Europa, que foi durante séculos, e continua sendo ainda hoje, o lar judaico mais autêntico que já existiu. (ibid. p. 32)

Ou seja, o criador do Diasporismo acredita que o estabelecimento de um Estado judeu no Oriente Médio despertou a ira dos países vizinhos de tal forma que um novo Holocausto é iminente. Para evitar mais essa tragédia, ele sugere que os judeus askhenazi² retornem a seus países de origem na Europa e afirma já estar negociando com líderes como o polonês Lech Walesa. Além disso, esse realocamento seria desejável não apenas do ponto de vista da existência física dos judeus, mas porque permanecendo em Israel eles estariam traindo o caráter fundamentalmente europeu de sua cultura. (ibid. p. 33)

A ideia é completamente absurda e o próprio livro a apresenta como tal. Em determinado momento, o verdadeiro Roth telefona para seu duplo fingindo ser um jornalista francês e durante a conversa aponta os inconvenientes bastante óbvios do plano, como, por exemplo, o antissemitismo ainda pronunciado de países como a Ucrânia e a Polônia, para onde o Diasporismo pretende mandar os judeus de volta. O Duplo, descolado da realidade de maneira bastante óbvia, responde:

Você sabe o que acontecerá em Varsóvia, na estação de trem, quando o primeiro trem cheio de judeus retornar? Haverão multidões para recebe-los. As pessoas estarão exultantes. Elas estarão em prantos. Elas gritarão: ‘nossos judeus voltaram! Nossos judeus voltaram!’ O espetáculo será transmitido pelas televisões do mundo todo. (ibid. p. 45)

Contudo, apesar de reconhecer o absurdo de tudo isso, ao chegar em Israel, Roth não confronta imediatamente seu duplo. Pelo contrário, ele o incorpora, passando a ser Philip Roth fingindo ser o homem que finge ser Philip Roth. Além disso, o verdadeiro

² Judeus de origem europeia, sobretudo da Europa Central e do Leste

Roth leva o discurso diasporista a extremos ainda mais absurdos e ridículos do que seu autor original.

Timothy Parrish nota que dois dos pilares do Diasporismo, o caráter essencialmente europeu da cultura judaica e a autenticidade da vida na diáspora, são posições que o verdadeiro Philip Roth já exprimiu na vida real (PARRISH, 1999, p. 584). Levando isso em conta, Andrew Furman afirma que Roth usa o ridículo do Diasporismo para esmiuçar preocupações legítimas a respeito da situação no Oriente Médio e é esse fundo de verdade que torna *Operação Shylock* um livro notável (FURMAN, 1999, p. 145).

Furman vai mais além e nota que é por esses motivos que Roth, ao chegar em Jerusalém, não confronta diretamente seu duplo, mas o incorpora. Ele não consegue, de imediato, afirmar que o Diasporismo não seja uma posição sua, mas precisa levá-lo ao extremo do ridículo e do absurdo antes de reafirmar a diferença entre si e o Duplo (ibid. p. 148).

Dessa forma, o Diasporismo aparece aqui como uma versão deturpada e absurda de ideias que Roth realmente exprimiu. É uma leitura exagerada, histórica e desconectada, algo que ele sente que vem acontecendo com sua obra desde o início. Logo após a publicação de *Adeus, Columbus*, o escritor foi acusado de antissemitismo e de ser um judeu que odiava a si mesmo por conta das histórias que mostravam personagens judeus em um ângulo pouco favorável. Como comentou em *Escrevendo Sobre Judeus*, o escrutínio da vida judaica que ele realizou em seus contos foi visto por muitos como um ataque, uma representação “perigosa, desonesta e irresponsável” (ROTH, 2013, p. 149). Sendo assim, em *Operação Shylock*, o autor faz no interior de seu próprio texto o que os críticos sempre fizeram, incorporando em sua ficção a percepção que ela muitas vezes causou.

Dessa forma, o romance estabelece um diálogo direto com a crítica, com o que é exterior ao texto. Outro exemplo desse recurso é o que Furman identifica como uma resposta direta aos críticos de seu primeiro romance sobre o Oriente Médio, *O Avesso da Vida*. Quando o livro foi publicado, muitos notaram a ausência de uma voz palestina em um romance que pretendia apresentar um panorama de vozes sobre Israel (FURMAN, 1999, p. 140). Aqui, em contraste, aparece a voz marcante de George Ziad, um ex-colega de Roth na Universidade de Chicago.

Ziad, após anos vivendo no Ocidente e passando-se por um egípcio, na tentativa de escapar da obsessão de seus pais com a terra perdida, retornou à Palestina. A morte de

seu pai lhe apresentou a o quão inescapável eram a memória e o ódio ao ocupante (ROTH, 2000, p. 121). Ziad, é apresentado de forma semelhante ao Duplo: seu discurso é um misto de histeria, alucinação e observações certeiras que lhe dão peso e validade. Ele é um homem educado, capaz de um raciocínio coerente, mas cegado pelo ódio e pela opressão (ibid. p. 123). Portanto, ainda que aparentemente o escritor apresente o discurso do palestino como em alguma medida enlouquecido, a estrutura do romance faz com que isso não lhe tire a credibilidade (FURMAN, 1999, p. 148).

Assim, o humor de *Operação Shylock* parece seguir o antigo dito de que uma piada tem graça quando possui um fundo de verdade. Isso funciona porque, como afirma Victoria Aarons, a ficção de Roth é profundamente ancorada na História, especialmente a História judaica (AARONS in: PARRISH, 2007, p. 127). Aarons argumenta que, frente a possibilidade de assimilação completa oferecida pelos Estados Unidos, é o senso de história, e da história judaica que lhe permitiu ser o que é, ou seja, um judeu assimilado, que mantém um judeu como tal (ibid. p. 140). A consciência histórica protege os personagens do vazio da idealização, seja ela qual for, a do sonho americano ou sionista.

Por conta disso, Roth resgata esse senso de história e o coloca no centro de *Operação Shylock*, um livro que questiona idealizações e contesta “a possibilidade de uma identidade étnica irreduzível” (SHOSTAK, 1997, p. 739). É com uma base forte nessa história que o autor constrói suas investigações sobre Israel.

A História judaica é introduzida no romance especialmente pela presença do Holocausto. Enquanto a trama entre Roth e o Duplo se desenrola, acontece o julgamento de John Demjanjuk, um homem acusado de ser Ivan, O Terrível, um guarda de Treblinka. As cenas do tribunal aparecem quase como uma música de fundo, pois é ao refletir sobre o que assiste ali que o narrador coloca o resto de seus dilemas em perspectiva e elucubra sobre as questões que a narrativa levanta.

O Holocausto também se faz presente através da figura de Aharon Appelfeld. Nascido na Romênia, em uma região que faz parte da atual Ucrânia, Appelfeld foi deportado para um campo de concentração aos nove anos de idade, escapou e sobreviveu pelos três anos seguintes nas florestas da União Soviética. Hoje, ele vive em Israel e em 1998 Roth foi a Jerusalém conduzir uma série de entrevistas com ele a pedido do New York Times (ROTH, 2009, p. 27). Trechos reais dessas entrevistas aparecem no livro, novamente misturando ficção e realidade e expandindo o conteúdo da narrativa. *Operação Shylock* não está contido apenas no livro que leva esse nome, mas também nessas entrevistas.

Appelfeld aparece aqui como o oposto de Roth, como uma experiência judaica radicalmente diferente, mas igualmente possível.

Aharon e eu, cada um representa o *oposto* da experiência do outro; porque cada um de nós reconhece no outro o homem judeu que ele *não* é; por causa das quase incompatíveis direções que moldaram nossas vidas tão diferentes, nossos livros tão diferentes e esse resultado das antagônicas biografias judaicas do século vinte; porque nós somos os herdeiros conjuntamente de um legado dramaticamente *bifurcado* – por causa da soma de todas essas *antinomias* judaicas. (ROTH, 2000, p. 201)

Ou seja, juntos, Roth e Appelfeld representam o escopo amplo e contraditório das existências judaicas contemporâneas. Os muitos, e diferentes, caminhos que os judeus tomaram ao longo do século.

Estabelece-se assim um livro que fala das narrativas possíveis, das múltiplas possibilidades da identidade judaica tanto na literatura quanto na história. Como diz Shostak, para os judeus americanos pós-Holocausto, a questão de como ser judeu, de como resistir ou não à assimilação, tornou-se central (SHOSTAK, 1997, p.736). Nesse romance, Roth levanta essas possibilidades e suas consequências, resistindo sempre a qualquer tipo de essencialismo e definição estática do que é “ser judeu”.

Ao longo da carreira do escritor, uma das críticas que mais lhe fizeram foi a de solipsismo, de ser excessivamente autocentrado e pouco engajado com questões coletivas. Essa crítica também é incorporada ao livro, uma vez que ele dialoga tão diretamente com a História e as questões postas pelo fazer literatura judaica.

As implicações do escrever literatura judaica começam a ser levantadas com a introdução de Smilesburger, um agente do Mossad que tenta, e eventualmente consegue, recrutar Roth para uma missão. Smilesburger o recruta justamente por crer no poder da fala, das palavras judaicas (ROTH, 2000, p. 333). O que o agente quer na verdade é que Roth faça o que jurou nunca fazer: relações públicas para os judeus. É uma ironia do texto que Roth aceite a proposta e o próprio Smilesburger é apresentado como mais um dos personagens cômicos, verborrágicos e levemente delirantes, mas, assim como os outros, ele também tem percepções bastante ancoradas na realidade. Em especial a respeito do poder das palavras e dos textos na produção de identidade.

O poder da literatura aparece pela primeira vez como tema quando Philip encontra um dono de sebo que lhe fala sobre Shylock, momento em que o leitor pode finalmente entender o porquê do título do romance. Shylock, conta o livreiro, é a primeira aparição

do judeu no cânone ocidental. E ele surge com as palavras “trezentos ducados” e um julgamento. Desde então:

Por quatrocentos anos, o povo judeu viveu sob a sombra desse Shylock. No mundo moderno, o judeu esteve perpetuamente em julgamento. Ainda *hoje* o judeu está sendo julgado, na pessoa do israelense – e esse julgamento moderno do judeu, esse julgamento que nunca termina, começa com o julgamento de Shylock. Para os leitores do mundo todo, Shylock é a encarnação do judeu da mesma forma que o Tio Sam é a encarnação dos Estados Unidos. (ibid. p. 274)

Ruth Wisse nota que uma língua é “o repositório cultural de um povo” e, portanto, “a perspectiva literária de um escritor judeu em uma língua gentia é afetada pela atitude dessa língua em relação aos judeus” (WISSE, 2000, p. 66). Ao comentar sobre Kafka, ela afirma que, ao escrever em alemão, o jovem autor foi obrigado a confrontar seu judaísmo, uma vez que precisava dominar e, de certa forma, lutar com uma língua que lhe era ameaçadora (ibid. p. 68).

Embora Hana Wirth-Nesher defenda que os judeus americanos fizeram do inglês “uma língua judia” (KRAMER E WIRTH-NESHER, 2003, p. 111), a figura de Shylock, e outras representações antissemitas, continuam firmemente colocadas em seu cânone. Sendo assim, o escritor judeu de língua inglesa precisa escrever contra sua própria tradição. O desafio colocado para Philip Roth possui dois lados: fazer frente ao antissemitismo entranhado na língua em que se criou, ao mesmo tempo em que escreve nela uma literatura judaica.

A lição da fala de Smilesburger é que os textos e palavras dos judeus são parte do que forma a identidade judaica. Dessa forma, a identidade judaica americana vivida por Roth é alimentada e sustentada pelo seu lugar específico de um escritor judeu de língua inglesa.

Levando tudo isso em conta, Shostak define a operação Shylock como “operação representante o judeu” (SHOSTAK, 1997, p. 748). O que Roth deve fazer, afinal, não é nada diferente do que vem fazendo durante toda sua carreira: alimentar o campo de representações judaicas, retratando-a com fidelidade oposta aos estereótipos.

Concluindo, *Operação Shylock* se apresenta como um romance que almeja discutir questões acerca da identidade judaica em todas as suas possibilidades e conflitos. Para isso, ele transborda além do livro, inclui fatos reais e invade a realidade com a ficção. Na época do lançamento, Roth chegou a publicar no New York Times um artigo

intitulado *A Bit of Jewish Mischief*³ em que reafirma se tratar de uma autobiografia e que ele havia sim colaborado com o Mossad. Algumas semanas depois, o texto foi desmentido e explicado como fazendo parte do romance. Essa estratégia, permite terminar com a afirmação que para o exame relevante e profundo da identidade judaica contemporânea, Roth assume uma textualidade pós-moderna, mais ampla que apenas o objeto livro.

Referências Bibliográficas

FEIN, Esther B., *Roth Sees Double. And Maybe Triple, Too*, Nova York, The New York Times, publicado originalmente em 9 de março de 1993, disponível em <http://www.nytimes.com/1993/03/09/books/philip-roth-sees-double-and-maybe-triple-too.html>, acesso em 21/10/2016

FURMAN, Andrew, *Philip Roth's Nerve in The Counterlife and Operation Shylock: A Confession – "Jewish Mischief" and the Post-Colonial Critique*, in: _____, *Israel Through the Eyes of the Jewish American Imagination*, Nova York, SUNY Press, 1997, cap. 7, pp. 127-151

KAKUTANI, Mishiko, *Of a Roth within a Roth within a Roth*, Nova York, The New York Times, publicado originalmente em 4 de março de 1993, disponível em <http://www.nytimes.com/1993/03/04/books/books-of-the-times-of-a-roth-within-a-roth-within-a-roth.html>, acesso em 21/10/2016

KRAMER/WIRTH NESHER, Michael P./Hana (org.), *The Cambridge Companion to Jewish American Literature*, Cambridge, Cambridge University Press, 2003

PARRISH, Timothy L., *Imagining Jews in Philip Roth's "Operation Shylock"*, *Contemporary Literature*, Madison, Vol. 40, N°4, pp. 576-602, 1999

PARRISH, Timothy L., (org.), *The Cambridge Companion to Philip Roth*, Nova York, Cambridge University Press, 2007, edição para kindle

PIERPONT, Claudia Roth, *Roth Libertado: O Escritor e seus Livros*, São Paulo, Companhia das Letras, 2015

ROTH, Philip, *O Averso da Vida*, São Paulo, Companhia das Letras, 2008, edição para kindle

_____, *A Bit of Jewish Mischief*, Nova York, The New York Times, publicado originalmente em 7 de março de 1993, disponível em:

³ "Um pouco de malandragem judaica"

<https://www.nytimes.com/books/98/10/11/specials/roth-mischief.html>, acesso em 21/10/16

_____, *Entre Nós: Um Escritor e Seus Colegas Falam de Trabalho*, São Paulo, Companhia das Letras, 2009

_____, *Operation Shylock: A Confession*, Londres, Vintage, 2003

_____, *Reading Myself and Others*, Doubleday, Toronto, 2013, edição para kindle

_____, *Walking the Way of the Survivor: A Talk with Aharon Appelfeld*, Nova York, The New York Times, publicado originalmente em 28 de fevereiro de 1988, disponível em <https://www.nytimes.com/books/98/02/15/home/appelfeld-roth.html>

_____, *Zuckerman Acorrentado: 3 Romances e 1 Epílogo*, São Paulo, Companhia das Letras, 2011

SHOSTAK, Debra, *The Diaspora Jew and the “Instinct for Impersonation”*: Philip Roth’s “Operation Shylock”, *Contemporary Literature*, Madison, University of Wisconsin Press Vol. 38, Nº4, pp. 726-754, 1997

WISSE, Ruth R., *The Modern Jewish Canon: A Journey Through Language and Culture*, Nova York, The Free Press, 2000